

Cyber & Data Protection IP

Capacitação RGPD e CIBERSEGURANÇA | FLASHNEWS 16.09.2024



Portugal no “TOP” da preparação para resistir a ataques cibernéticos

Relatório de agência das Nações Unidas coloca o país no nível máximo, junto com os melhores do mundo. O documento alerta ainda para os enormes desafios neste setor e deixa pistas para o que devem fazer as nações num mundo em constante evolução.

Os sistemas portugueses de cibersegurança estão entre os melhores do mundo. O alto nível de preparação do país foi reconhecido no Índice Global de Cibersegurança (IGC) de 2024, a que o DN teve acesso este domingo em primeira mão. O IGC é publicado pela União Internacional de Telecomunicações (UIT), que está integrada nas Nações Unidas.

Portugal este ano alcançou a classificação mais elevada possível: o “*Tier 1 - Role-modelling*” (Nível 1 - Exemplo a seguir). O país ficou no 4.º lugar do *ranking* mundial, com a mesma pontuação - 99,86 em 100 - de Singapura e EUA, bem melhor do que no último estudo, de 2020, em que surgia em 8.º na Região Europeia, com um *score* de 97,32. Números que são reveladores da eficácia da estratégia coordenada pelo Gabinete Nacional de Segurança/Centro

Nacional de Cibersegurança e da sua capacidade para enfrentar os desafios permanentes no panorama digital de segurança, que está em constante evolução.

Apesar de ter alterado ligeiramente os critérios de apresentação do *ranking* - este ano apresenta todos os países em conjunto e por “Níveis” (*Tiers*) - o IGC faz sempre uma avaliação abrangente das medidas de cibersegurança dos vários países do mundo. Avalia o seu desempenho em cinco pilares principais: jurídico, técnico, organizacional, o desenvolvimento de capacidades e a nível de cooperação. A classificação de primeiro nível que Portugal obteve sublinha, assim, a sua abordagem abrangente ao nível da cibersegurança, sublinhando-se a existência de enquadramentos jurídicos sólidos, capacidades técnicas avançadas, organizações bem estruturadas e esforços proativos no desenvolvimento de capacidades e na cooperação internacional.

Para o IGC, o país é, assim, visto como um modelo para outras nações que atualmente se esforçam por melhorar os seus sistemas de cibersegurança. Esta organização destaca ainda a dedicação do país na criação de um ambiente digital seguro e resiliente para os seus cidadãos, empresas e instituições governamentais.

O documento não detalha que iniciativas de cibersegurança Portugal desenvolveu em concreto nos últimos anos, mas a atribuição do estatuto de Nível 1 sugere uma estratégia multifacetada. Este reconhecimento internacional reforça a posição do país como líder no esforço global para construir um ciberespaço mais seguro.

A classificação *Tier1* é atribuída pela IGC este ano a 46 países. Entre eles, muitos Estados-membros da União Europeia. No entanto, é significativo que os nossos parceiros da UE Áustria, Bulgária, Croácia, República Checa, Hungria, Irlanda, Letónia, Lituânia, Malta, Polónia, Roménia e Eslováquia surjam com um nível de preparação inferior.

Desafios e caminhos

O *Índice Global de Cibersegurança* de 2024 alerta ainda que, embora a maioria dos países do mundo estejam a fazer progressos na cibersegurança, os seus agentes continuam a enfrentar um cenário complexo e em evolução.

Os especialistas da UIT estabelecem seis pontos que consideram essenciais para que cada nação se prepare para este problema.

Desde logo, o fator humano: este permanece “fundamental para a cibersegurança”. O relatório enfatiza o papel crítico das ações individuais e do comportamento digital responsável na cibersegurança, pelo que ações que promovam a literacia digital são essenciais.

O segundo ponto é o fosso persistente entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento em termos de preparação para a cibersegurança. O IGC sublinha a necessidade de uma maior capacitação e cooperação internacional, sem a qual não é possível garantir um ambiente digital seguro para todos. No ciberespaço (quase) não há fronteiras.

A criação de formas objetivas de medir a eficácia é o quarto ponto. Embora muitos países tenham iniciativas de cibersegurança, o documento lembra que sem uma correta avaliação da sua eficácia, estas podem ser inúteis. Não basta criar medidas; estas precisam de ter impacto e enfrentar as ameaças do mundo real de forma eficiente.

Verdadeira concretização de acordos internacionais: embora muitos países assinem acordos de cibersegurança, a passagem do “papel” para ações concretas e a obtenção de resultados tangíveis é muitas vezes um desafio - ou algo que demora demasiado tempo.

A promoção da colaboração entre as agências governamentais, o sector privado e a sociedade civil continua a ser uma área a melhorar, alerta o IGC. Uma coordenação eficaz é crucial para uma estratégia de cibersegurança bem-sucedida.

Por fim, todos os intervenientes precisam de ter sempre em mente que o panorama da cibersegurança está em constante evolução, com novas tecnologias e ameaças a surgirem a um ritmo acelerado. Os agentes desta área têm de saber (e ter condições para) adaptar e atualizar continuamente as suas competências e conhecimentos. Só assim poderão ter possibilidade de se manterem um passo à frente.

À medida que o mundo digital continua a expandir-se e a evoluir, os agentes de cibersegurança desempenharão um papel cada vez mais crítico na salvaguarda do nosso futuro digital. Afinal, e por mais que a tecnologia evolua, sem o elemento humano, não haverá cibersegurança.

Fonte: DN